

O CORPO NEGRO EM FRONTEIRAS POROSAS: ENTRE OS SABERES DAS DANÇAS E DOS CUIDADOS QUE EMERGEM NO CAOS

Liana da Silva Cunha (Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC)¹

RESUMO

Este artigo emerge da pesquisa autobiográfica em andamento no mestrado, em que procuro relacionar as experiências acerca do que é ser uma mulher negra no Brasil, com os processos criativos em dança. O cuidado surge nas práticas, visto que lidar com o racismo traumático e violento, requer abordagens sensíveis, de atenção e percepção do próprio artista, como do diretor, ensaiador ou coreógrafo. A hipótese central vai ao encontro da compreensão da dança e do cuidado como possíveis estratégias de sobrevivência que emergem ao criar poesia e dança, da dor. Desta maneira, torna-se possível vislumbrar inúmeros caminhos que tentem dar conta desta suposição, individualmente e coletivamente. Assim, mostrando que vivências são potentes e podem tornar-se alimento para saberes fazeres, propondo perspectivas antirracistas e tentativas epistemológicas contra hegemônicas dentro das Universidades.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo negro; dança; experiências; cuidado.

EL CUERPO NEGRO EN FRONTERAS POROSAS: ENTRE LOS CONOCIMIENTOS DE LAS DANZAS Y LOS CUIDADOS QUE EMERGEN EN EL CAOS.

RESUMEN

Este artículo surge de la investigación autobiográfica en curso en la Maestría, en la que trato de relacionar las experiencias sobre lo que es ser mujer negra en Brasil, con los procesos creativos en la danza. El cuidado surge en las prácticas, ya que lidiar con el racismo traumático y violento requiere enfoques sensibles, de atención y percepción del propio artista, como del director, ensayador o coreógrafo. La hipótesis central se encuentra con la comprensión de la danza y del cuidado como posibles estrategias de

¹ Mestranda em Teatro, na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC; Bolsista CAPES; Orientador: Milton de Andrade Leal Júnior; Técnica de Palco pela SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco; Bacharela em Dança pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; Integrante do grupo de dança Fragmento Urbano; Afro-gaúcha, artista da dança, arruaceira, viajante e funkeira.

supervivencia que surgen al crear poesía y danza, desde el dolor. De esta manera, es posible vislumbrar innumerables caminos que intentan dar cuenta de este supuesto, individualmente y colectivamente. Así, mostrando que las experiencias son poderosas y pueden convertirse en alimento del saber hacer, proponiendo perspectivas antirracistas e intentos epistemológicos contra la hegemonía dentro de las Universidades.

PALABRAS - CLAVE

Cuerpo negro; danza; experiências; cuidado.

Início abrindo os caminhos deste artigo, convidando-as/os através das minhas escritas poéticas. Escritas que fizeram parte das minhas apresentações nos últimos congressos científicos dos quais participei e que me acompanham durante este percurso acadêmico. Bem como, são uma das estratégias de sobrevivência e cuidado adotadas nesse ambiente ainda hostil, violento, branco, cis, heteronormativo, elitista e patriarcal que são as Universidades. Uma poesia que de certa forma, sintetiza se não toda, boa parte da minha pesquisa, além de ser/mostrar outra forma e/ou tentativa de dançar, que não apenas com o corpo em movimento no espaço. Ao longo desse artigo, essas trajetórias serão descritas e elucidadas da melhor maneira possível.

CORPO CASA

Esse corpo que tu vê agora
Aprendeu de dança desde muito cedo
De pé no chão eu corria pra fora
Subir no topo das árvores: eu não tinha medo!

Isso é aprendizado de equilíbrio!

Banho de chuva, comida de barro
Corria na rua, no meio dos carro
Brincava de roda, fazia fogueira
Olhos grandes, cabeluda e faceira!

Essa foi a minha primeira escola quinta!

Quando eu saio de casa e vou pro mundo
Me apego nessas memórias encarnadas
Raízes não são estáticas, mesmo penetrando fundo
Assim me espraio, levando na mala as histórias vivenciadas

Nessas experiências me agarro hoje
Anos e anos mais tarde

Por mais que muita coisa tenha ficado lá longe
São os saberes que eu trago pra Universidade

O racismo tá aí, acontecendo
Colocam fogo nas matas, como colocaram nos nossos documentos
Mas a gente tá atento, vendo
Pra não perpetuar esse apagamento

Pandemia, necropolítica, genocídio
Desgoverno, feminicídio
Arma na cara e corpo no chão
Fome, epistemicídio

POUCOS COM MUITO, NÓS: CONTANDO OS TUSTÃO!

Mas busco quem veio antes
Com seus mapas desenhados na cabeça
Que através das tranças, escondiam sementes
Estratégias que inspiram minhas danças

Capoeira também era disfarce
Luta, jogo, dança, resistência
Mais uma estratégia de sobrevivência

ENTÃO, NÃO ENTENDA SÓ PALAVRA POR LINGUAGEM!

Sobrevivo nesse caos Brasil: sagacidade
Assim recrio e reatualizo as minhas estratégias
No agora, considerando a minha realidade
Levando em consideração o cuidado, a a(fé)tividade

MAS, COM OS OLHOS NAS COSTAS!

Segurando em muitas mãos que me guiam
Conceição Evaristo, Sandra Petit, Grada Kilomba
Mãos pretas que me amparam
Toda a vez que me encontro sem forças

Meus improvisos diários, na dança e na vida, eu sigo
Só e acompanhada, pois não dá pra esquecer do coletivo
Nessa travessia não ando só, então, não mexe comigo
Bebo nas fontes da rua, onde sempre encontrei abrigo

Termino lembrando: pra ter consciência no presente
É preciso não esquecer o passado
Se trouxeram os meus na corrente
Todos eles serão vingados

Pois tentaram nos dizimar
Mas não tiveram êxito 100%
A luta estamos a continuar
Quem não gostou, só digo uma coisa: LAMENTO!

1. O centro das narrativas e territorialidades: O corpo negro que sou, os corpos negros que me acompanham

Para falar sobre as experiências a respeito do que é ser uma mulher negra no Brasil, sua relação com a dança e o cuidado neste momento de crise pandêmica, política, hídrica, sanitária e ambiental, é preciso voltar para a arteira que vos escreve. Desta maneira, apresento-me aqui evocando o corpo casa que sou e suas diversas composições e ramificações. Não cheguei aqui só, não estou aqui só e sobretudo, seguirei sempre amparada por muitas mãos e colos.

Eu sou uma mulher preta, neta de Ibraema Silva e de Adão Silva, neta de Eva Rosa e de Leodegário Cunha. Eu sou filha da Sandra Regina da Silva e do João Elói da Rosa Cunha, irmã da Luana da Silva Gasola e da Leandra da Silva Cunha. Tia do Ravi Gasola Carneiro, que na sabedoria dos seus dois anos nesse mundo, muito me ensina sobre paciência, sobre experimentações de tempo e movimentações. Nasci e cresci em Santa Maria, no interior do estado do Rio Grande do Sul e é deste lugar que nasce esta escrevivência, como me inspira Conceição Evaristo.

Na minha casa, desde muito pequena, passo a me compreender em movimento no mundo. Ainda sinto o vento nos cabelos que dançam, assim como o corpo, ao me equilibrar no topo das árvores. Ainda sinto as gotas geladas da chuva caindo na minha pele negra. Cantar, dançar, brincar em roda, correndo na rua entre os carros, caminhando nos campos entre as carcaças e ossos de gado. Ou ainda, imitando as artistas frente à televisão, assistindo os seus videoclipes. Eu sou cria da dança de todas essas vivências, de todas essas dançovivências. Por esses motivos, visto que esta é uma pesquisa autobiográfica, não falo em objeto de estudo. Eu não sou um objeto, mesmo que desde a colonização vejam o corpo negro que sou desta maneira: objetificado, inferiorizado, animalizado, impuro, sujo, sexualizado.

As danças que proponho, realizo e acredito levam em consideração as histórias e memórias dos que já foram, dos que permanecem e quiçá, daqueles que vão chegar. Levar em consideração esses fatos, significa não distorcer, não deixar que invisibilizem ou que apaguem as nossas histórias. A história de um povo tirado a força de sua terra, visando o dinheiro, acima de qualquer vida que não fosse a vida de pessoas brancas. Um ato extremamente pensado e elaborado, pois invadir territórios, capturar pessoas e

atravessar o oceano atlântico inúmeras vezes, são atos que não foram realizados e programados da noite para o dia. Fato engenhoso, visível nas engrenagens racistas percebidas tanto no cotidiano, como nas estruturas da nossa sociedade, que continuam a nos atravessar e nos afetar diretamente e indiretamente.

Ao falar sobre corpos negros, não se pode deixar de mencionar acontecimentos e fatos históricos. Pois, o nosso país foi construído através do sangue, do suor, da luta, das lágrimas, das violências e dos estupros de mulheres indígenas e negras pelos brancos da sociedade dominante. Portanto, não se pode negar que “o Brasil, desde os seus primeiros instantes de vida, teve a pessoa negra africana como o seu principal edificador no trabalho e na composição demográfica” (NASCIMENTO, 1980, pg 110). Entretanto, frente a estas situações, as pessoas escravizadas não estavam passivas ou alienadas, mas sempre buscaram demonstrar a sua insatisfação e indignação a respeito do sistema genocida e racista no qual estavam inseridos. Seja através das fugas que realizavam, seja através da construção, criação e manutenção dos quilombos ou ainda, através do banzo (depressão).

O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão oficialmente, pois sabemos que na prática segue até os dias atuais. Feito erroneamente creditado a princesa Isabel, ao assinar a Lei Áurea em 13 de Maio de 1888. Entretanto, a abolição só foi possível devido ao crescimento do movimento abolicionista, protagonizado por nomes como Maria Firmina dos Reis, Adelina (conhecida como “a charuteira”, visto que se desconhece o seu sobrenome), Luiz Gonzaga Pinto da Gama, Francisco José do Nascimento, entre várias/os outras/os.

Após esta “libertação”, as pessoas negras escravizadas foram largadas a própria sorte: terras não foram concedidas, muito menos indenização. Ou seja, não houve uma tentativa real de reintegração na sociedade brasileira. Analfabetos, muitas vezes com deficiências físicas, consequência dos trabalhos pesados e das torturas infligidas, bem como, psicologicamente, emocionalmente e sentimentalmente exauridos. Essas eram as pessoas “africanas livres”. Abdias do Nascimento, ator, escritor, professor, ativista e fundador do Teatro Experimental do Negro – TEN- destaca que este ato não passou de uma forma legalizada de assassinato em massa, ou seja, a multiplicação do crime, visto que não lhes concederam qualquer recurso, apoio ou meio de subsistência pós-abolição (NASCIMENTO, 1978).

Assim, gradualmente, as pessoas negras foram sendo jogadas as margens, aos subempregos, a baixa expectativa de vida, a baixa escolaridade, as favelas. Juntamente

com as tentativas de embranquecimento do Brasil, no sentido físico, mas também psicológico e subjetivo, que obteve êxito em partes como vivenciamos e observamos cotidianamente. Desta maneira, o governo favoreceu políticas migratórias, oferecendo condições para que italianos, alemães, portugueses, espanhóis, se estabelecessem no país. Fato que contribuiu para criar e propagar o mito da democracia racial, aliado ao estupro das mulheres indígenas e negras.

Diante deste cenário, cria-se uma hierarquização dentro da negritude, expostas também através de terminologias racistas e coloniais como mulata/o e mestiça/o. Grada Kilomba, escritora, psicóloga e artista, enfatiza que esses termos de nomenclatura animal foram muito romantizados durante o período colonial, transformando as relações de poder e abuso sexual em gloriosas conquistas, que resultam em um novo corpo exótico (Kilomba, 2019). Visto que mestiça/o refere-se ao cruzamento de duas raças caninas diferentes e mulata/o refere-se ao cruzamento entre um cavalo e uma mula (Kilomba, 2019). Ou seja, mais uma maneira de inferiorizar, animalizar e desumanizar os corpos negros.

A destruição pelo fogo de documentos e instrumentos de tortura; o sistema educacional que mal cumpre a Lei nº 10.639/2003, que trata sobre a inclusão do ensino da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de ensino básico, promulgada em 09 de janeiro de 2003 pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva; as Instituições de ensino “superior” que também pouco abordam de maneira profunda e crítica as questões que envolvem o racismo. Essas tentativas concretas de apagamento contribuem com a distorção e a invisibilização da história que permeia e atravessa os corpos afro-diáspóricos.

Portanto, o tráfico negreiro transatlântico e a escravização formam parte das pessoas afro-brasileiras, então, “erradicá-los da nossa bagagem espiritual e histórica é o mesmo que amputar o nosso potencial de luta libertária, desprezando o sacrifício de nossos antepassados” (NASCIMENTO, 1980, pg 87). Assim, consciência e memória tornam-se elementos fundamentais a nível individual e coletivo, pois são aspectos que interferem diretamente nas minhas práticas, nas maneiras de ver e compreender o mundo através das danças políticas que crio, proponho e acredito.

2. Que danças, cuidados e estratégias emergem das experiências racistas?

Após a breve contextualização histórica realizada anteriormente, fica visível que enquanto pessoas negras, somos expostas/os a acontecimentos que interferem e afetam o nosso modo de ser, de nos compreender, de ver e de ocuparmos o mundo. Frente a este panorama que envolve um macrocosmos, volto-me ao meu microcosmos, lhes contando resumidamente como cheguei até este momento enquanto mestranda. Três anos distante das Universidades, ingresso novamente no ambiente acadêmico, no ano de 2020. Anteriormente, durante dois anos, morei em São Paulo/SP e transitava do meu local de estudos - Centro, para o meu local de morada na periferia da zona sul – Grajaú - e ainda, para o meu ambiente de trabalho com a dança na periferia da zona leste - Guaianases.

Estes dois anos na capital paulista foi fundamental para a minha afirmação como uma mulher negra. Sempre soube que eu era negra (ou que eu não era branca?), mas não me afirmava diretamente neste lugar, não sabia que dimensão este fato abrangia nem, de certo modo, o que isso significava nos diferentes espaços que me propunha estar. Para que esse autorreconhecimento/autoafirmação emergisse, foi fundamental a convivência, os diálogos e as escutas principalmente com o grupo de dança Fragmento Urbano. Através do grupo, sabedorias de pesquisadoras/es negras/os que até então eu desconhecia, passei a ter contato. Seja por leituras, como da autora Leda Maria Martins e do autor Muniz Sodré, seja presencialmente, com Luciane Ramos, Carmen Luz e Renata Lima. Pessoas que no âmbito acadêmico até aquele momento, não haviam sido abordados dentro das minhas experiências.

Ao retornar para o sul do país, reingresso na Universidade, em um ano marcado por eventos decisivos para aprofundar os debates em torno das questões “raciais”. No ano de 2020 presenciamos o assassinato de George Perry Floyd e João Alberto Silveira de Freitas. Perdemos Miguel Otávio de Santana e João Pedro Mattos Pinto. Encontramos Madalena Gordiano em condições análogas à escravidão e assistimos Matheus Pires Barbosa sofrer agressões racistas enquanto exercia a sua profissão, entre muitos outros casos de violências. Bem como, presenciamos marchas, protestos e derrubadas de estátuas ligadas a figura de pessoas escravocratas. Além disso, a pandemia gerada pelo vírus da Covid-19, que interferiu de maneira ainda mais direta e incisiva na vida das pessoas negras, periféricas e em vulnerabilidade social, ganha enormes proporções no Brasil. Diante deste cenário e com as vivências anteriores no sudeste, imaginava encontrar o ambiente acadêmico um pouco menos colonizado em relação ao que me deparei. Frente ao desmoronar desta ilusão, a minha pesquisa passou a se transformar para esta que compartilho neste momento.

Diante deste contexto, envolvendo acontecimentos racistas no Brasil e no mundo, dentro da Universidade encontrei um ambiente, de certa forma, conivente com essas situações. Ou seja, com o isolamento social devido a pandemia, a minha casa passou de um ambiente seguro, para um ambiente em que o racismo se faz presente através da tela. Falas de colegas, falas de professoras/es, ementas e planos de ensino que em sua bibliografia contemplam pouquíssimas/os autoras/es negras/os. Quando haviam convidadas/os para conversas e debates dentro das disciplinas, as pesquisadoras/es negras/os praticamente não estavam presentes. Os debates dentro das aulas, não abordavam a situação das pessoas negras. Não havia um panorama histórico mesmo que breve, para maior compreensão e assim, relacionar com o conteúdo proposto, também a partir de outras perspectivas: a perspectivas das pessoas negras. Quando o racismo era levantado com pauta durante as aulas, ficava no plano da superficialidade, sem levar em consideração a complexidade e profundidade desta questão. Além disso, o uso distorcido por pessoas brancas de palavras como “apagamento” e “invisibilidade” eram recorrentes.

É importante ressaltar a dinâmica dessas violências, pois sim, são atos de violência, mas que atualmente nem sempre são tão explícitas. Portanto, lutar contra elas quando ocorrem de forma sutil é algo, ao meu ver, ainda mais difícil. E que adoce ainda mais, por muitas vezes, demorarmos para nos darmos conta deste fato. Perceber que a atitude ou a fala proferida com tanto “afeto”, na verdade era mais uma agressão. Assim, adoeci neste ambiente, principalmente no primeiro mês estando mestranda. Não estava preparada para tantas violências, não imaginava encontrá-las nesse nível. Desta maneira, não conseguia dormir pensando nos acontecimentos, chorava continuamente, faltava as aulas que estavam gerando mais gatilhos no momento, parei de me alimentar direito, passei a ter dores no estômago. Esses fatos desencadearam no estopim da minha lesão no menisco, que precisou de um procedimento cirúrgico. Kilomba discorre a esse respeito ao mencionar que

o racismo pretende causar dano, fazer mal ao sujeito negro e o sujeito negro de fato, se sente fisicamente ferido, se sente mal. A necessidade de transferir a experiência psicológica do racismo para o corpo expressa a ideia de trauma no sentido de uma experiência indizível, um evento desumanizante, para o qual não se tem palavras adequadas ou símbolos que correspondam. Geralmente ficamos sem palavras, emudecidas/os. A necessidade de transferir a experiência psicológica do racismo para o corpo – soma – pode ser vista como uma forma de proteção do eu ao empurrar a dor para fora. (KILOMBA, 2019, pg 161)

Esses acontecimentos me fizeram repensar a pesquisa, o meu entendimento de cuidado. Criar estratégias e práticas para conseguir permanecer na Universidade, para não adoecer novamente, para não sucumbir. A primeira estratégia/cuidado emergiu imediatamente após a primeira violência – os planos de ensino - e foi a criação de poesias, uma maneira de vomitar a dor. A minha segunda estratégia/cuidado foi aprender a usar o silêncio. Em que momentos a minha fala, reclamação, denúncia, será efetivamente levada em consideração? Para quem posso falar com a certeza de que serei acolhida, que a minha fala não será apenas “roubada” para ser usada em outro contexto, de maneira distorcida, sem ser chamada de vitimista? Aprender sobre silêncio, também é cuidado, também é evitar um desgaste emocional ainda maior. É não deixar-se impregnar pelo colonizador que te bombardeia de perguntas. É não se machucar ao explicar pela milésima vez o que nos dias de hoje, com o privilégio do acesso ao estar dentro de uma Instituição, já deveria ser óbvio.

A terceira estratégia/cuidado foi usar as minhas danças/improvisações como maneira de protesto e apresentá-las como trabalho final das disciplinas, abordando as experiências racistas vivenciadas no próprio ambiente da sala de aula virtual. A quarta e última estratégia/cuidado foi a procura por aquilombamentos afetivos. Se na Instituição, no meu curso, na minha turma, a maioria das pessoas são brancas e as epistemologias propagadas vão a este encontro, passei ainda mais a procurar e me inscrever em cursos que abordam as experiências negras. Portanto, com a maioria das/os alunas/os e professoras/es também negras/os, eu não me encontrava mais tão só! São estas danças poéticas e políticas e esses cuidados que andam emergindo, como estratégias para sobreviver diante das experiências racistas.

Portanto, busco amparo naqueles que como maneira de manterem-se vivos, precisaram achar modos de resistir através das suas próprias estratégias. Como, após serem açoitadas/os, as pessoas negras escravizadas ainda buscavam forças para cantar? Como, após horas de trabalho forçado, as pessoas negras escravizadas “desenhavam” mapas na cabeça, através das tranças no cabelo, onde escondiam sementes? Como as pessoas negras escravizadas, após serem privadas de alimentos, conseguiam energias para gingar através da capoeira? Inspirada por esses acontecimentos, as minhas práticas nascem, se elaboram e se reformulam.

Desta maneira, traço as minhas estratégias de sobrevivência e cuidado através do movimento para não sucumbir e para quando eu cair, saber em que mãos pegar para levantar. A sabedoria, resistência, sagacidade e resiliência de quem veio antes e traçou

as suas próprias estratégias para que fosse possível eu estar viva, são influências e referências. Através do entendimento do corpo como a unidade que é, permeado pelo constante fluxo entre o interno e o externo, acreditando e praticando sempre a a(fé)tividade e a dança como possibilidade de cura, olhando para o caminho que foi traçado lá atrás e buscando forças nele.

Por esses motivos, busco, acredito, proponho e realizo as minhas estratégias de sobrevivência e cuidado neste momento pandêmico, nesta recuperação do menisco pós operação, integrando este ambiente acadêmico. Gostaria de não precisar resistir, mas é uma ação necessária para seguir viva emocionalmente, simbolicamente, imagetivamente, psicologicamente, afetivamente, fisicamente. Criar em meio ao caos e a tais experiências, traz registros do passado encarnados no corpo, que são reatualizados no presente e podem ser propagados no futuro. É um modo de não sucumbir as violências e incertezas da vida, é um modo de comunicação e sobretudo, uma maneira de ressignificar agressões, dores e traumas em poesia.

3. Fronteiras porosas entre teorias em movimento

Ao abordar o corpo negro em fronteiras porosas, percebo-o tecendo relações com a dança, as dançovivências, a necropolítica, a oralitura. Visto que são saberes fazeres conectados nessa pesquisa, bem como, são elementos que impregnam o corpo que sou. Através das experiências que me compõe e que também resultam nos meus modos de ver, compreender e me colocar nos territórios em que procuro me fazer presente.

Portanto, acredito que praticar o cuidado nesse momento, através da dança, é também praticar e propor dançovivências. Conceição Evaristo, escritora, poetisa, romancista, contista, aborda a escrevivência em suas obras. Entre os elementos que se destacam como formadores da escrevivência estão o corpo, a condição e a experiência (EVARISTO, 2006). Entretanto, nesta pesquisa, opto pela ressignificação do termo escrevivência, levando em consideração as minhas memórias e experiências enquanto mulher preta e gaúcha, tornando-se possibilidades de narrativas para as criações das minhas dançovivências.

Entre elas estão a lesão no menisco que me ocorreu no segundo semestre do ano de 2020, a cirurgia desencadeada por este fato, as questões financeiras que é uma problemática recorrente ao se falar de pessoas negras, os a(fé)tos que me ajudaram a chegar até esta etapa do percurso. As questões referentes ao racismo que identifico,

sofro e percebo dentro da Universidade. As questões da violência contra a mulher que me atravessam de forma direta com casos na família, nas vizinhas, nas amigas e o suicídio que também acometeu os meus familiares durante este momento de isolamento social. Essas questões resultaram no vídeodança Afro-gaúcha em isolamento: Corpo poroso e atravessamentos pandêmicos.

Na esfera do coletivo, cabe trazer o descaso do Estado com a população carcerária (composta majoritariamente por pessoas negras) frente ao vírus da covid-19, o desgoverno superfaturando com a crise pandêmica. As queimadas e os desmatamentos nas nossas florestas, o feminicídio, a desigualdade digital, o aumento da extrema pobreza. Todas estas questões, entre tantas outras não elencadas e intensificadas pelo momento pandêmico pelo qual passamos, afetam principalmente a população negra e indígena do nosso país. Portanto, a política genocida segue seu curso, como discorre o filósofo, teórico político, historiador e professor Achille Mbembe, ao abordar a necropolítica: poder e controle que dita quem pode morrer ou quem deve ser exposto a morte (MBEMBE, 2018).

Todas estas problemáticas aparecem direta ou indiretamente nas danças que proponho. Estas vivências, após ressignificadas, tornam-se saberes encarnados no corpo. Ou seja, a história e seus processos não são estáticas, mas adquirem dinamicidade ao serem transformadas no corpo, ao tornarem-se alimento criativo. A história e a memória individual e coletiva se atravessam e se permeiam, de modo que as suas fronteiras tornam-se quase invisíveis. Dançar, portanto, é uma maneira de reatualizar a memória e a história através da poética dos movimentos no espaço, é uma forma de praticar e contar oralituras. Leda Maria Martins, poeta, dramaturga, aborda a oralitura como uma linguagem grafada pela letra, na voz ou no corpo (MARTINS, 2002). Nesse âmbito, dançar é uma maneira de manter a memória sempre viva, é dançar para não esquecer do que aconteceu e não esquecer daqueles que já não estão mais presentes fisicamente conosco.

Por todos esses motivos, compreendo o cuidado para além das práticas que visam a preparação “corporal”, mas percebo a sua relação direta com o emocional, o sentimental, o psicológico, o social e o político. Questões que adquirem diferentes experiências e interpretações ao falar de corpos negros, devido ao racismo, elemento estrutural e estruturante na nossa sociedade. Por isso, não vejo como desvincular o cuidado do racismo. Como me cuidar individualmente e coletivamente frente a essas violências sofridas?

Portanto, são essas perspectivas de cuidado que me interessam agora, não apenas pelos olhos de Michel Foucault, Gilberto Icle ou Cassiano Quilice. Por esses motivos, como referencial teórico estão, sobretudo, autoras e autores negros. A partir do diálogo estabelecido com essas/es pesquisadoras/es é possível fazer uma contextualização a respeito da situação e do tratamento que as pessoas negras enfrentam no Brasil e como estes fatos reverberam nas danças que crio, proponho e realizo. Através dos meus pontos de vista, como protagonista da história, com a inspiração de quem veio antes e abriu caminho para que este momento seja possível. Como diz Lélia Gonzales, intelectual, professora, ativista

“O risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.” (GONZALES, 1984, pg 225)

Através da perspectiva autobiográfica, procedimento recorrente entre diversas autoras negras, escolhi seguir este percurso. Ao contar as minhas histórias, que de certa forma não são só minhas, ao lado de autoras e autores negros que em sua maioria, não tive acesso, conhecimento e contato nas Universidades pelas quais passei até o presente momento. Com a certeza de que não estou reinventado a roda através desta prática, mas procurando fazer com que ela não pare de girar ao ser uma possível inspiração para outras/os pesquisadoras/es e acadêmicas/os negras/os, incentivando-as/os a também contarem as suas histórias com a consciência de que elas são epistemologias válidas e que também merecem reconhecimento, difusão e valorização dentro das Instituições.

4. Entre as pretagogias e o pretoguês: Poesias, movimentos, letras e danças afrografadas

Anteriormente mencionei experiências e acontecimentos, reiterando que tornam-se alimento criativo através das danças, das maneiras de cuidado, transformando-se em estratégias de sobrevivência. Frente aos traumas gerados pelo racismo e pelo genocídio na nossa sociedade, ao compreender o corpo como uma unidade e não através de dicotomias. Agora, trago esses fatos de maneira mais minuciosa e explicativa ao apresentar, como isso vem ocorrendo nas minhas práticas, processos e procedimentos de criação.

Como artista da dança, um dos objetivos principais deste percurso acadêmico é o compartilhamento de uma celebração dançada da trajetória, que traga os a(fé)tamentos que me acompanharam. Esta celebração, sem caráter de espetáculo, tinha o intuito de acontecer presencialmente. Entretanto, visto as condições sanitárias e sem grandes perspectivas de mudança, o compartilhamento através de um vídeodança é cogitado para a defesa da dissertação. Portanto, as práticas, os procedimentos e processos metodológicos compreendem fazeres individuais e fazeres que envolvem o coletivo.

As práticas individuais até o momento, compreendem a natação, a fisioterapia, os alongamentos e a improvisação em dança. A natação, ocorre durante três vezes na semana, com duração de 45min e tem como foco auxiliar na reabilitação do menisco. Esta prática, auxilia na consciência da respiração, bem como, na percepção do uso da força, visto que dentro da água quanto mais nos debatemos e “lutamos contra”, mais cansados ficamos. Estar na água exige certa “aderência”, “porosidade” e “permeabilidade” a este elemento. A coordenação motora é bastante exigida, ao movimentar pernas continuamente, ao mesmo tempo em que os braços se alternam. Soma-se a este fato, o momento de tirar a cabeça fora da água para respirar. Ou seja, são movimentos que estão interligados. A noção de lateralidade/espacialidade, também é alterada, visto que ao ficar em decúbito dorsal ou ventral no cotidiano, temos a barreira do chão que inevitavelmente não ultrapassamos. Já dentro da água, esta barreira não existe, há o risco de afundar. Portanto, exige ainda mais a consciência do “fio de prumo” imaginário que atravessa o corpo e que durante a natação, não conecta mais céu e terra, como quando estamos em solo na vertical. Estas, são apenas algumas perspectivas a respeito desta prática, que a cada dia tenho percebido mais complexa.

A fisioterapia ocorre duas vezes na semana, com duração de 1h mais ou menos. Está prática também está diretamente relacionada a reabilitação do menisco. Portanto, tem o intuito de fortalecer os membros inferiores, como maneira de prevenção de outra futura lesão. Ou seja, não significa nunca mais fazer determinados movimentos, mas cuidar e preparar o corpo para que ele esteja o mais apto possível para realizá-los quando for necessário. Os agachamentos, os exercícios unilaterais e o uso de equipamentos/acessórios/materiais que causam instabilidade, visando ativar determinadas musculaturas para manter o equilíbrio, também são realizados e estão presentes em praticamente todas as sessões que realizo junto a fisioterapeuta.

Os alongamentos são realizados no mínimo duas vezes durante a semana, com a duração de 1h30, procurando respeitar sempre o mesmo horário de início e ocorrem no

quintal da minha casa. Deitada no chão consigo perceber o voar dos pássaros, o formato das nuvens e seus deslocamentos, o balançar dos galhos e folhas das árvores ao sabor do vento. Movimentações que no cotidiano, muitas vezes passam despercebidos. Este momento se inicia com movimentos articulares que visam a sua lubrificação. Após, início a minha sequência de alongamento pois, ao meu ver, uma sequência estabelecida possibilita a melhor visualização das evoluções em cada posição. Entretanto, cabe ressaltar que esta sequência não é de todo “fechada”, ou seja, sofre mudanças com o decorrer do tempo, das necessidades, dos aprendizados e dos desejos que me ocorrem.

Entendo a preparação do ambiente já como um cuidado ritual. Desde tirar materiais do pátio para abrir espaço, trocar de roupa, pegar os meus objetos, varrer o chão. É um momento de tentativa de silêncio, de concentração e percepção de si. Entretanto, nem sempre ocorre assim. Há dias de maior dispersão da minha parte ou por influencias externas (vizinhos, família, cachorros). Há dias em que pulo ou adianto algumas das etapas desse alongamento, há dias em que utilizo algum estímulo sonoro propositalmente ou que me rendo aos sons da casa, da rua ou dos meus próprios sons internos. Acredito que não só o silêncio acentua a percepção de si.

A improvisação em dança algumas vezes ocorre após o alongamento, pois o corpo já está mais “preparado”. Entretanto, entendo a improvisação em dança também como um chamado. Pois, não é sempre após o alongamento que sinto vontade de dançar, mas também, sem ter um momento/horário pré determinado/estabelecido para que isso aconteça. Tem sido de fato um chamado, um momento de diversão, descontração, brincadeira, experimentação, jogo e aprendizado. Aprendizado pois geralmente esse momento é compartilhado junto ao meu sobrinho Ravi, que no auge dos seus dois anos nesse mundo, muito me ensina sobre experimentações de tempo, sobre espirais, sobre pulsar a partir da flexão da articulação dos joelhos. Observar o jeito que o Ravi move o seu quadril tem sido algo que muito me chama a atenção, ao ver como ele projeta-o para o céu, enquanto a cabeça cede a força da gravidade.

Eu gosto muito de improvisar com as minhas saias longas e rodadas, assim reatualizo as minhas próprias espirais, junto ao professor mais novo que já tive ao longo dos meus 26 anos nesse mundo. Improvisamos na sala ao som de funks ou vendo videoclipes que o Ravi gosta. Vejo nele, a minha imagem aprendendo a dançar junto aos artistas que eu observava pela tela, desta mesma maneira. As vezes a minha mãe Sandra e as minhas duas irmãs Luana e Leandra aparecem para curtir com a gente. Teço assim, as minhas relações com as águas do atlântico represadas nessa “bacia”, nesse local

sagrado que sustenta vários órgãos relacionados a excreção, a sexualidade, ao gozo, ao sangue e a vida. Talvez, não por acaso, essa observação do Ravi com seu quadril me levou inconscientemente a procurar as aulas de natação...

Essa circularidade e ancestralidade do mais novo a mais velha, a circularidade dos movimentos da pelve, a própria circularidade da saia, os elementos da natureza, os saberes encarnados e propagados através da dança, me levam as pretagogias de Sandra Haydée Petit, mãe, professora, pesquisadora, escritora. Para Petit os fundamentos das pretagogias devem abranger os seguintes fundamentos

O autorreconhecimento afrodescendente; a tradição oral; a apropriação dos valores das culturas de matriz africana; a circularidade; a religiosidade de matriz africana entrelaçadas nos saberes e conhecimento; o reconhecimento da sacralidade; o corpo como produtor espiritual, produtor de saberes; a noção de território como espaço-tempo socialmente construído; o reconhecimento e o entendimento do lugar social atribuído ao negro. (PETIT, 2016, pg. 665)

Portanto, inspirada, permeada e atravessada pelos saberes de Petit e suas pretagogias, sigo reatualizando os meus saberes dançados, as minhas pretagogias, as minhas improvisações: ferramenta que utilizo para as criações. Outra mulher preta que é inspiração e referência nas minhas práticas é a Mestra Iara Deodoro, grande precursora na relação poética, política e antirracista no campo das artes cênicas, em Porto Alegre/RS. A sua abordagem metodológica compreende o corpo de maneira integral, bem como, relaciona-se com os quatro elementos da natureza. Nas suas práticas, a aprendizagem não se desvincula da criação, visto que os exercícios de assimilação dos movimentos são desenvolvidos simultaneamente a coreografia (NETO, 2019).

Ao falar sobre as práticas em coletivo, pois o cuidado, as danças e as estratégias se organizam e se aprendem também nas relações com o outro, estão os encontros com o grupo de dança Fragmento Urbano. Os nossos encontros ocorrem uma vez por semana e tem a duração média de 4h. O Fragmento Urbano tem como campo de pesquisas as corporeidades periféricas, afro-diáspóricas, ameríndias, com proposições para a rua e sua paisagem humana a partir do Hip Hop e das danças Funk Styles. Nos nossos encontros conversamos a respeito das dificuldades ocasionadas devido a pandemia, no campo financeiro e na saúde mental, sobre editais, escrita de projetos, recomendações de leituras. No que se refere as práticas corporais, está o aprendizado do repertório coreográfico do grupo, improvisações com base no popping, locking, waving e danças/manifestações da cultura brasileira afro-diáspórica, bem como, os processos

criativos que procuram trazer elementos da história de cada integrante. Entre eles, o mais recente é o Terrorismo poético: Pequenas ações para encantar a quebrada.

Quanto as maneiras de registro de todas essas pretagógicas, cabe citar fotos, vídeos e os meus diários de bordo. Estes, estão permeados de poesias escritas de maneira formal e não formal. Portanto, proponho tentativas de dançar também no papel, na folha, através das palavras. Cabe mencionar que a literatura marginal e periférica são grandes influências e inspirações nessa tentativa de ir na contramão da escrita tradicional e hegemônica. Portanto, não posso deixar de citar nomes como Tawane Theodoro (SP), Bell Puã (PE) e Agnes Mariá (RS), mulheres pretas poetas que trago comigo, também como referências de oralituras e do pretoguês, presente nas escritas de Lélia Gonzales. Desta maneira, Gonzales confrontou a linguagem acadêmica e a gramática normativa em seus textos.

A escrita como um modo de comunicação, pode ser um empecilho, causando o afastamento da educação e da informação, dependendo do modo como é realizada, visto que poucas pessoas tiveram acesso a um sistema educacional minimamente justo e de qualidade. Além disso, a educação é um elemento importante para mobilidade social, principalmente ao falar de pessoas negras. Pensar nessas questões e problematizações é pensar nas “margens”, é criar possibilidades para que as pessoas pretas, pobres, periféricas, em vulnerabilidade social, se vejam ocupando também este ambiente acadêmico.

Desta maneira, não aceitar, não reconhecer, não valorizar, não incentivar e não divulgar estas outras possibilidades de escritas dentro das Universidades é mais uma maneira de praticar o epistemicídio. Mais um instrumento de controle, dominação e negação de conhecimentos, que tornam o ambiente acadêmico não apenas um local de “erudição”, mas também de violência. Sueli Carneiro, filósofa, escritora e ativista antirracismo aborda essa questão, ao trazer que

para nós o epistemicídio é para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. (CARNEIRO, 2005, pg 97)

Por esses motivos, optar por uma pesquisa autobiográfica no ambiente acadêmico é um ato político e poético. Iniciei as minhas danças, a partir do quintal da minha casa, incentivada sobretudo pela minha mãe. É nessas memórias encarnadas que me apego quando saio de casa e vou para o mundo. É nessas memórias que me apego agora, anos e anos mais tarde, como maneira de traçar estratégias e praticar o cuidado em um momento em que estar e ocupar a rua tornou-se ainda mais perigoso. Visto que, perigoso sempre foi, já que sou um corpo negro.

Entretanto, a sagacidade adquirida em tempos de outrora, aprimorados diariamente, transformam essas vivências em alimento criativo frente à crise pandêmica, política, hídrica, sanitária, ambiental, que atravessamos. Assim, encerro por agora apresentando um fragmento da poesia PanCAOSdêmico, que integra os meus diários de bordo, onde experiências, vivências, falas e escutas tornam-se inspiração e uma maneira de dançar nas folhas através das palavras. Uma maneira de vomitar as dores, os traumas, as agressões e as violências em poesias.

(Des)governo
A fome e a extrema pobreza no país sobem
Arroz chegando a 45,00 reais
Dependendo do lugar
Quem será tem a cor que sofre mais?
(Des)governo
Polícia invadindo favelas
Além de ter que sair pra tramar
A violência invade as vielas
É tanto corre acontecendo, intensificado por essa pandemia
que me pergunto:
Como isso não te afeta em nada?
Tá suave em casa, comida na mesa
Contas pagas, o simples privilégio de poder estar com a família
Então, se tu tá bem, os outros que se fodam?
A minha pesquisa é autobiográfica sim
Falo das minhas danças, dos meus afetos
Porém, segue permeada por todos esses atravessamentos
Pesquisa porosa
Transito entre o micro e o macro
Nesse movimento de expansão e contração do universo
ContrAÇÃO
E aí, a minha pesquisa segue muito pessoal pra ti?
Tenho que me afastar, para ser o que consideram uma “boa” pesquisadora?
Se for assim, prefiro aceitar que sou ruim mesmo
Essa bolha e esse vazio
Os preconceitos e a indiferença
O não reconhecimento dos privilégios
Ou simplesmente cagar pra tudo
Enquanto não é o teu que tá na reta
Calados, são uns poetas!
Palavras que destilam arrogância, prepotência, soberba
Palavras que destilam venenos

Proferidas cheias de adornos
Esse jeito de falar bonito pra mascarar a realidade
Tenho é nojo!
Mas seguimos juntos nesse caminho
Né parça
Que isso que tu considera arte
No teu microcosmos
Te amplie um pouco a visão
E eu que esponja sou
Não absorva tanto de vocês nesse percurso
Umbigo fechado e caminhos abertos
Proteção, cuidado
Amores e afetos
Pelo menos as merdas que cês falam
Servem de adubo para meus escritos
Assim eu sigo, tendo a consciência que
Nessas linhas, pouco também foi falado
Vários rolê foram deixado de lado
Porém não foram esquecidos
Seguem e seguirão comigo
Pelo resto do caminho
(Liana da Silva Cunha, 2020)

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências em Becos da Memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>. Acesso em [15/11/20](#)

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p 223 – 244. 1984

KILOMBA, Grada, 1968 – **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira . – 1º ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**. In: Graciela Ravetti; Márcia Arbex. (Org.). Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. Pg 69 – 89.

MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. 3º Edição. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

NETO, Manoel Gildo Alves. **Falarfazendo dança afro-gaúcha: Ao encontro com Mestra Iara.** 2019. 192 f. Tese (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

PETIT, Sandra Haydée Petit. **Práticas pedagógicas para a lei nº 10.639/2003: a criação de uma nova abordagem de formação na perspectiva das africanidades.** Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/19874-Texto%20do%20artigo-80909-2-10-20190715.pdf> . Acesso em 15/11/20

Afro-Gaúcha em Isolamento: Corpo Poroso e Atravessamentos Pandêmicos.
Intérprete-criadora: Liana Cunha. Cinegrafistas: Felipe Medeiros e Leandra Cunha.
Edição: Edson Rocha. Paisagem Sonora: Felipe Medeiros. Belo Horizonte. Youtube Rede Sola de Dança. SPOILER: Mostra de Jovens Coreógrafos. 02/12/20. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EeNM4NkpnUU&t=411s>. Acesso em 05/04/21 às 21h.

Terrorismo poético: pequenas ações para encantar a quebrada. Criação: Fragmento Urbano. Orientações: Douglas Iesus e Tiago Reis. Produção: Anelise Mayumi e Iolanda Costa. Edição de imagem: Alice Soares. Trilha sonora: Thiago Sonho. Dançarines criadores: Anelise Mayumi, Beatriz Pontes, Caroline Machado, Cic Moraes, Douglas Iesus, Eduardo Dialético, Iolanda Costa, Ivamar Santos, Liana Cunha, Luiz Negresco, Melvin Santhana, Munique Costa, Thiago Sonho e Tiago Reis. São Paulo. Youtube Cia. Artesãos do Corpo/Dança-Teatro. 13º Visões Urbanas. Festival Internacional de Dança em Paisagens Urbanas. 25/06/21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I529368jqNU>. Acesso em 30/06/21, às 21h5.